

já paga, à gente toda que emprega e destacando por fim a sorte de o país ter cidadãos comprometidos com o trabalho e o progresso como ele, o que o dispensava totalmente de “caridades duvidosas”. Mas tão rápido como esse pensamento um homem que se rastejava pela calçada se aproximou e o agarrou pela barra da calça pedindo dramaticamente por uma moeda. “Senhor?!”, interpelava a moça de um lado; “só cinquenta centavos”, apelava o pedinte do outro. Atormentado e já manifestando os tais sintomas, ele se retirou com certo ímpeto e sem dizer uma palavra, deixando “aquela gente impertinente” a se importunar e se ressentir mutuamente, quando, na pressa de sair dali e chegar logo ao trabalho, pisou em falso em um buraco na calçada, caindo de cara no chão.

Não há quem não tenha sofrido ou visto um tombo na vida, mas como não se cai nunca do mesmo jeito e como uma queda não é apenas cômica por si só, mas parece reavivar as graças de todas as outras, cair é sempre fazer rir. E assim Pedro, que se recusava à caridade, deu a muita gente motivos pra gargalhar, chocalhar e esquecer por um instante suas misérias. A compaixão chegou mais tarde, combalida das pernas pelo espasmo cômico, de nervos relaxados, e atrapalhada. “O senhor tá bem?”; “se machucou?!”. Ao que ele respondia com resmungos e um discreto balançar afirmativo de cabeça. Aliviadas de si, as consciências em volta deram livre passagem ao cartório, cujos membros já sambavam involuntariamente, e às gargalhadas, com a impressão de que o dia começava bem.

Praguejando, maldizendo o buraco, a cidade, o país e invocando “o diabo que os carregue”, Pedro seguiu rumo ao seu cartório, onde já notavam sua ausência. “Será que ele tá doente ou... morreu?!” perguntava uma recepcionista, lembrando-se que nunca soube de um atraso seu em muitos anos na firma. “Ih, vazo ruim, minha filha...”, respondeu outra, certa de que o “velho” não tardava a chegar; e chegou, esbaforido, desalinhado e intragável. “Liga pra” fulano, “chama” sicrano, ordenava, em tom imperativo.

Foi a custo, mas não sem um certo prazer, que as moças comunicaram a seu patrão que fulano, sicrano e ainda beltrano não se encontravam e que não voltariam tão cedo, pois aderiam à greve municipal deixando um comunicado oficial expedido pelo sindicato.

Pedro era só tremores.

treinamento para habilitados

Maria Scarte¹

O poeta escreveu um livro sobre a cidade

Vila Maria Vila Maria
Só seus contornos que me sobraram
Só a terra debaixo do asfalto
Testemunharam a cidade grande mas provinciana

Quisera ver o que viam nos anos vinte
Nos cinquenta e nos sessenta
Mas a memória das pessoas daqui não chega nos detalhes mórbidos
Na paisagem fixa em constante mudança
No tempo bruto e sem semelhança

Vila Maria Vila Maria
Vila Maria Vila Mariana
As voltas que seu corpo faz
Só transportam o olhar sagaz
De quem constrói e não se satisfaz
De quem vive e não acha paz
Sempre trabalha querendo mais

Vila Maria Vila Maria
Qual é o encanto que esse chão tem
Qual é o frescor dessa poluição
Qual é o rio que não é Tietê
Que bateria é essa no meu coração

¹ E-mail para contato: mscarte@outlook.com.